

ELEVAÇÃO DA VOGAL /E/ NOS CLÍTICOS PRONOMINAIS

Maria José Blaskovski Vieira*

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar resultados de análise quantitativa por meio da qual se buscou identificar fatores linguísticos e extralinguísticos que favoreçam a elevação da vogal /e/ nos clíticos pronominais *me*, *te*, *se* e *lbe*. Para tanto, foram analisadas 36 entrevistas retiradas do Banco de Dados VarX, que contém amostras de fala de habitantes da cidade de Pelotas (RS). Submetidos os dados à análise estatística, o programa selecionou as variáveis tipo de junctura, vogal da sílaba seguinte e tipo de clítico como fatores que influenciam o tipo de vogal – alta ou média – que irá se manifestar.

Palavras-chave: Clíticos pronominais; vogal média; variação linguística; neutralização vocálica.

Abstract: The objective of this paper is to present the results of a quantitative analysis which tried to identify both the linguistic and extralinguistic factors causing the raising of the vowel /e/ in the pronominal clitics *me*, *te*, *se* and *lbe*. 36 interviews taken from VarX Database, containing speech samples of Pelotas (RS) citizens, were analyzed. After submitting the data to statistics analysis, the variables selected as factors determining the type of vowel that will be produced – high or mid – were type of juncture, vowel of the following syllable and type of clitic.

Keywords: Pronominal clitics; mid vowel; linguistic variation; vowel neutralization.

* Universidade Federal de Pelotas.

1. Introdução

Os clíticos têm merecido a atenção tanto de teorias sintáticas quanto fonológicas em vista de sua natureza singular. Do ponto de vista fonológico, os clíticos pronominais, objeto deste estudo, partilham com unidades como preposições e artigos a propriedade de serem átonos, sendo dependentes de uma unidade lexical portadora de acento. Assemelham-se, nesse sentido, aos afixos. Do ponto de vista sintático, os clíticos pronominais são morfemas que funcionam como palavras, já que têm mobilidade sintática, mas são sempre ligados a uma palavra adjacente.

É justamente essa natureza híbrida que leva Câmara Jr. (1967, p.86) a complementar a classificação proposta por Bloomfield (1933), no que diz respeito aos vocábulos formais, e sustentar a existência de três tipos de formas nas línguas: as formas livres, as formas presas e as formas dependentes. Formas livres são aquelas que têm autonomia e podem aparecer sozinhas no discurso; formas presas são aquelas que só têm valor quando ligadas a formas livres, como é o caso dos afixos e desinências; e formas dependentes são formas que não podem por si só constituir um enunciado, apesar de serem vocábulos formais. Este é o caso dos clíticos.

Ao discutir a composição do vocábulo fonológico no português do Brasil, Câmara Jr. (1988, p.63) afirma que as partículas átonas, pronominais e não-pronominais, “não têm status de vocábulo fonológico”, uma vez que dependem de um item lexical com acentuação própria para junto com ele formar uma unidade fonológica. Quando se associam ao vocábulo que as antecede, as partículas átonas valem como uma sílaba postônica desse vocábulo; quando se associam ao vocábulo que as segue, valem como uma sílaba pretônica.

O próprio autor faz uma ressalva em relação às vogais que se manifestam nos clíticos. Quando o clítico se coloca na posição postônica, a vogal que lhe pertence enquadra-se no sistema vocálico átono final, ou seja, deve ser uma das três vogais:

/a/, /i/ ou /u/. No entanto, quando se coloca na posição pretônica, observa-se a neutralização entre as vogais médias e as vogais altas, em proveito das altas, comportando-se essas vogais como se fossem átonas finais (CÂMARA JR., 1988, p. 64).

Para Bisol (2005, p. 249), esse problema se resolve se considerarmos o clítico uma palavra independente que se junta a uma palavra de conteúdo na formação de uma unidade prosódica, o grupo clítico. Uma evidência para essa interpretação pode ser buscada na análise das regras de sândi externo. A elisão – que consiste no apagamento da vogal /a/ de final de palavra, quando a palavra seguinte iniciar por uma vogal diferente de /a/ – é um processo que não se aplica no interior de um vocábulo, mas se aplica no interior do grupo clítico (p. ex. *uma usina* se realiza como [ũmu'zinə]), a exemplo do que ocorre entre palavras fonológicas.

As regras de sândi, no entanto, se aplicam variavelmente quando a vogal do clítico for /e/ ou /o/. Isso significa que, dependendo da região do Brasil que se considerar, é possível que essas vogais sejam preservadas e que permaneça o hiato formado com a palavra seguinte (p. ex. *me ama*, produzida [me'ãmə]. Nesse caso, o clítico forma com a palavra seguinte um vocábulo fonológico, ou seja, ele se comporta como se fosse uma sílaba pretônica da palavra a qual se junta.

Há poucos trabalhos que analisam o comportamento da vogal do clítico sob uma perspectiva sociolinguística, muito em função do fato de que não há variação, na maior parte das regiões do país, na forma de realização das vogais. Manifestam-se, em geral, as vogais [a], [i] e [u] tanto nos clíticos pronominais quanto não pronominais.

Brisolara (2008), buscando definir o *status* do clítico na hierarquia prosódica, realizou análise do comportamento das vogais /e/ e /o/ dos clíticos pronominais, tomando como base amostras de fala de Porto Alegre e de Santana do Livramento,¹ no Rio Grande do Sul, retiradas do Banco de Dados VARSUL e do BDS Pampa.

Em relação aos dados de Porto Alegre, que apresentaram índices quase categóricos de elevação das vogais médias do clítico, os resultados apontam o seguinte: quanto menor a distância do clítico em relação à sílaba tônica, maiores são os índices de elevação; levando-se em conta o tipo de juntura, o contexto de degeminação é o mais favorável à elevação da vogal do clítico; e a vogal /o/ da sílaba seguinte ao clítico favorece a elevação da vogal do clítico.

Quanto aos dados de Santana do Livramento, a autora comparou duas amostras, uma coletada em 1978 e outra entre 2003 e 2005, e verificou um aumento nos índices de elevação da vogal do clítico de 21% para 44%. Nas duas amostras de Santana do Livramento, mostraram-se favoráveis à elevação da vogal do clítico o tipo de juntura, o tipo de vogal da sílaba seguinte e a distância da do clítico em relação à sílaba tônica.

Como evidenciado pelo estudo realizado por Brisolara (2008), a preservação ou a elevação da vogal média do clítico pode estar relacionada ao ambiente linguístico em que ocorre e/ou a fatores sociais. A identificação dos fatores que influenciam o comportamento da vogal do clítico foi objeto de investigação na fala de Pelotas, cujos resultados são apresentados neste artigo.

2. Objetivo e metodologia

Este estudo tem como objetivo apresentar resultados sobre a forma de realização da vogal média /e/ nos clíticos pronominais *me*, *te*, *se* e *lbe* na fala de habitantes da cidade de Pelotas (RS).

¹ Do ponto de vista da forma de realização da postônica final, essas duas cidades apresentam características bastante díspares. Enquanto em Porto Alegre é quase categórica a elevação das médias postônicas, em Santana do Livramento observam-se altos índices de preservação dessas vogais (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994).

2.1. A cidade de Pelotas

Pelotas é terceira cidade mais populosa do Rio Grande do Sul (328.275 habitantes em 2010), situando-se no extremo sul do estado (Figura 1 abaixo). Do ponto de vista da formação étnica de sua população, a cidade caracteriza-se por ter recebido um grande contingente de imigrantes portugueses, vindos, no início do séc. XVIII, principalmente do arquipélago dos Açores, os quais exerceram uma influência significativa na cultura do município, em especial da arquitetura e na culinária.



FIGURA 1: Localização geográfica da cidade de Pelotas²

A partir do início do séc. XX, houve a chegada a Pelotas de imigrantes alemães, a maioria de pomeranos, que se fixaram na zona rural do município; de africanos, muitos dos quais descendentes de escravos oriundos principalmente de Angola; além de uruguaios, franceses e italianos.

Na história econômica do município, destaca-se, a partir do final do séc. XVIII, a criação de inúmeras charqueadas que permitiram, no seu apogeu, que a cidade fosse considerada a verdadeira capital econômica da província. Com a riqueza produzida pelas charqueadas,

² Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_Pelotas.svg.

surge uma elite aristocrática riquíssima e opulenta que desfruta todas as benesses proporcionadas pelo charque e que torna a vida cultural da cidade muito intensa. É constante o intercâmbio com cidades do centro do país e mesmo com a Europa, o que confere à população pelotense um padrão literário e artístico destacado (CONCEIÇÃO, CARVALHO, RAMOS & VIEIRA, 2009).

A partir da década de 1950, em decorrência de alterações na economia, a cidade passa a viver uma profunda crise, cujos sinais físicos se fazem sentir ainda nos dias de hoje. Apesar disso, o município conta com cinco instituições de ensino superior, quatro grandes escolas técnicas, dois teatros, uma biblioteca pública, vinte e três museus e dois jornais de circulação diária.

Do ponto de vista linguístico, apesar da proximidade com o Uruguai, o falar pelotense diferencia-se significativamente de falares de regiões de fronteira que se caracterizam pela preservação da vogal média /e/ em posição de final de palavra. Em Pelotas, é categórica a elevação dessa vogal em posições átonas.

2.2. O banco de dados e os fatores controlados na pesquisa

O Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social – VarX – é um banco construído com o objetivo de captar o impacto de fatores sociais, como classe social, profissão, renda, escolaridade sobre a forma de manifestação linguística. Ele contém gravações de fala de indivíduos de Pelotas dos dois sexos, de três classes sociais e de três faixas etárias. São 90 entrevistas, das quais 30 indivíduos têm idades entre 16 e 25 anos, 30 com idades entre 26 e 39 anos e 30 com idades acima de 50 anos. Em função da forma como foi construído o Banco, é possível também controlar outras variáveis sociais, como a natureza da ocupação do entrevistado e o bairro onde mora.

Para realização desta pesquisa, foram analisadas 36 entrevistas selecionadas a partir das variáveis sociais *sexo*, *idade* e *ocupação*. A pesquisa realizada por Brisolara (2008) sugeriu as variáveis linguísticas controladas nesta pesquisa, assim como as

hipóteses que nortearam o trabalho. No entanto, diferentemente do que fez essa autora, somente foram analisados clíticos pronominais que contivessem a vogal /e/.

Os fatores linguísticos controlados foram *tipo de clítico*, *onset da sílaba seguinte*, *vogal da sílaba seguinte*, *distância do clítico em relação à sílaba tônica* e *tipo de juntura*.

Em relação à variável *tipo de clítico*, analisamos o comportamento de *me*, *te*, *se* e *lhe*, em contextos como: *me viu*, *te viu*, *se virou* e *lhe falou*.

Por meio do fator *onset da sílaba seguinte*, controlamos o comportamento da vogal do clítico diante de oclusiva anterior, oclusiva posterior, fricativa labiodental, fricativa alveolar, fricativa palatal, nasal, líquida e palavra iniciada por sílaba sem *onset*, em contextos como: *me pediu*, *te contou*, *se feriu*, *lhe soprou*, *te chateia*, *me mentiu*, *se rolou* e *se arrumou*.

Com a variável *vogal da sílaba seguinte*, pretendíamos verificar a influência que essa vogal pode exercer sobre a vogal do clítico. Assim controlamos o comportamento de /e/ do clítico diante de sílabas com vogal alta, vogal média alta, vogal média baixa e vogal baixa, em contextos como: *me disse/te busca*, *te perguntou/se come*, *te deve/te cobra* e *me casei*.

Por meio da variável *distância do clítico em relação à sílaba tônica*, verificamos o comportamento de /e/ quando a sílaba tônica era adjacente, quando a distância era de uma sílaba, duas sílabas, três ou mais sílabas, em contextos como: *me leva*, *te contou*, *te encontrou* e *me condicionar*.

Com a variável *tipo de juntura*, controlamos o comportamento da vogal do clítico em situações de degeminação, ditongação, hiato e sem juntura, como em *te enrola* [tē'rɔlə], *se amarra* [sja'marə], *te ouvi* [teou'vi], e *me conta* [mi'kõtə].

Em relação aos fatores sociais, além do sexo, foram consideradas três faixas etárias (16-25 anos, 26-49 anos e + 50 anos), com base na hipótese de que as pessoas mais velhas usam mais a vogal [e] nos clíticos do que as mais novas, e três tipos de ocupação (de natureza manual, técnica ou intelectual).

Considerou-se variável dependente a elevação da vogal média /e/ nos clíticos pronominais. Os dados coletados foram codificados de acordo com as variáveis linguísticas e sociais e submetidos a tratamento estatístico com os programas do pacote VARBRUL, versão Goldvarb 2003 para ambiente Windows.

3. Apresentação e análise dos resultados

Das 36 entrevistas analisadas nesta pesquisa, foram coletados 1068 dados dos quais 1005 apresentaram elevação da vogal /e/. Isso representa um percentual de 94%, indicando que no universo pesquisado é praticamente categórica a neutralização da vogal média em favor da alta.³

Submetidos os dados à análise estatística, o programa selecionou três fatores linguísticos na seguinte ordem: tipo de junтура, vogal da sílaba seguinte e tipo de clítico. Tendo em vista que na primeira rodada foram encontrados *knockouts*, houve necessidade de se fazer amalgamação. A seguir passamos a apresentar os resultados do fator tipo de junтура, o primeiro a ser selecionado pelo programa.

TABELA 1
Tipo de junтура

Fatores	Aplic./total	%	Peso relativo
Ditongação [m̩i'a'gũardə]	199/204	97	0.74
Sem junтура [mika'regə]	686/717	96	0.58
Degeminação [mẽ'tẽdʒi]	109/132	83	0.40
Hiato [m̩eataka'rãũ]	11/15	73	0.17
Total	1005/1068	94	

Input: 0,97

Significância: 0,000

³ Nesta pesquisa, em que coletamos os dados referentes aos clíticos pronominais, também analisamos o comportamento da átona final, especialmente em palavras acabadas, na língua escrita, pela letra *e*. Foi possível verificar que, na cidade de Pelotas, não há variação em relação à forma como os indivíduos realizam essa vogal: categoricamente a vogal que emerge é a vogal alta [i].

Na Tabela 1, podemos verificar que o tipo de juntura que mais favorece a elevação da vogal/e/ do clítico é a ditongação, com um peso relativo de 0.74 e um percentual de 97%. Muito significativos são os dados absolutos desse tipo de juntura: em 204 contextos, a ditongação não aplicou somente em cinco ocasiões.⁴

No limite de vocábulos morfológicos em que há uma sequência de duas vogais, é possível a ocorrência de processos de sândi que variam conforme a natureza das vogais envolvidas. Se a primeira for alta, existe ambiente para a formação de um ditongo; se for a média /e/, é possível que ela se eleve para [i], criando também as condições para que o ditongo se manifeste.

Na fala concatenada, de acordo com Bisol (2003), a ditongação é a forma mais utilizada pelos falantes na resolução de hiatos, já que não há perda de material fonético. Ainda segundo Bisol (1996, 2000, 2003), para que ocorra a ditongação, é suficiente a presença de uma vogal alta, independentemente de ser alta a primeira ou a segunda vogal na sequência de duas vogais.

Os resultados encontrados nesta pesquisa reforçam essa ideia e mostram que esse ambiente, a sequência de duas vogais em limite de vocábulos, é também extremamente propício à elevação da vogal do clítico.

Resultados semelhantes foram obtidos por Brisolara & Matzenauer (2006) na análise da elevação da vogal /e/ de clíticos na cidade de Bagé, RS. Nesse trabalho, as autoras verificaram a elevação categórica de /e/ em contextos que propiciavam o surgimento de um ditongo e concluíram que a elevação da vogal do clítico é que favorece processos de sândi (BRISOLARA & MATZENAUER, 2006, p. 8).

Já segundo Brisolara (2008), o contexto apropriado à ocorrência da ditongação mostra-se neutro em relação à elevação da vogal do clítico na amostra de Porto Alegre e favorecedor da

⁴ A preservação da vogal do clítico, nesses casos, pode ser decorrente de uma fala mais pausada ou enfática.

elevação na amostra de Livramento, apesar de em ambas as cidades os percentuais de ditongação terem sido bastante altos, acima de 90%. A autora sustenta que, particularmente no caso da ditongação, é a elevação da vogal do clítico que favorece os processos de sândi (BRISOLARA, 2008, p. 123).

Os resultados da Tabela 1 indicam também que o contexto sem juntura, ou seja, aquele em que a palavra seguinte ao clítico inicia por uma consoante, tem pouca influência no comportamento da vogal do clítico (PR 0.58). Se analisarmos o peso relativo obtido e o percentual de elevação da vogal nesse contexto (96%), verificamos que a vogal eleva de forma independente, sem levar em conta o contexto consonantal seguinte.

Apesar de os números absolutos mostrarem índices altos de elevação de /e/ em ambientes de hiato e de degeminação, estes são os contextos nos quais a elevação da vogal do clítico pode não ocorrer. Nos dados em que encontramos hiatos, em número bastante reduzido por sinal, o peso relativo foi de 0.17; já nos dados em que encontramos degeminação, o peso relativo foi 0.40, indicando que estes são os contextos em que a vogal /e/ pode emergir.

Na pesquisa realizada por Brisolara (2008) com dados de Porto Alegre, o tipo de juntura que mais favorece a elevação é o da degeminação, isto é, o contexto em que a vogal do clítico se eleva e se funde com vogal alta da sílaba seguinte. A ditongação apresenta-se como neutra, e o hiato é o contexto que menos favorece a elevação de /e/. Essa tendência encontrada em Porto Alegre, no entanto, não se verifica em Livramento (BRISOLARA, 2008), onde o tipo de juntura que mais favorece a elevação é o da ditongação, enquanto o contexto que menos favorece é o do hiato, resultados semelhantes aos que encontramos em nossa pesquisa em Pelotas.

A seguir são apresentados os resultados referentes ao papel da vogal da sílaba seguinte no comportamento da vogal do clítico. Esse foi o segundo fator selecionado pelo programa Goldvarb. Tendo em vista que, na primeira rodada, os resultados referentes às vogais médias baixas e altas foram muito próximos, decidimos amalgamá-las em um único fator – *vogal média*.

TABELA 2
Vogal da sílaba seguinte

Fatores	Aplic./total	%	Peso relativo
Vogal média (<i>me deve</i>)	449/495	91	0.25
Vogal baixa (<i>se lava</i>)	280/292	96	0.29
Vogal alta (<i>te liga</i>)	276/281	98	0.95
Total	1005/1068	94	

Input: 0,97

Significância: 0,000

Os resultados apresentados na Tabela 2 indicam que a presença de uma vogal alta – [i] ou [u] – na sílaba seguinte é o ambiente que mais favorece a elevação da vogal do clítico. É o que mostra o peso relativo 0.95, indicando que a elevação é praticamente categórica nesse contexto.

Podemos supor com esse resultado que a elevação da vogal do clítico pode ser consequência da aplicação da regra de harmonia vocálica (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995). A harmonia vocálica é um processo fonológico, de caráter assimilatório, que altera a qualidade de uma vogal média por influência de uma vogal alta, presente em sílaba subsequente no mesmo vocábulo. Partindo da ideia de que o clítico é uma unidade átona que se une a um item lexical que possui acentuação na formação de uma unidade fonológica e que, nessa situação, pode comportar-se como uma sílaba pretônica desse conjunto, é plausível pensarmos que a regra de harmonia vocálica poderia ultrapassar os limites da palavra lexical e provocar a elevação da vogal média do clítico. Essa poderia ser a explicação para o fato de o programa ter selecionado a vogal alta como o contexto que mais favorece a elevação de /e/ do clítico. Se assim for interpretada a elevação da vogal do clítico, a natureza da unidade prosódica que surge da junção do clítico com uma palavra de conteúdo é diferente da natureza da unidade prosódica que emerge se interpretarmos a elevação da vogal do clítico como decorrente de uma neutralização da átona final.

A Tabela 2 também mostra que a presença de uma vogal média ou baixa na sílaba seguinte pode propiciar a preservação da

vogal média do clítico. É o que indicam os pesos relativos 0.25 e 0.29. Brisolara (2008) encontrou resultados contrários aos aqui apresentados em relação ao papel da vogal /a/, tanto na amostra de Porto Alegre quanto na de Santana do Livramento. Em ambas as amostras, a vogal baixa mostrou-se favorecedora da elevação da vogal do clítico. Tais resultados, assim como aqueles ligados ao papel das vogais médias, devem ser relativizados, de acordo com a autora, uma vez que “as vogais dos clíticos sofrem variação independentemente da vogal da sílaba seguinte” (BRISOLARA, 2008, p. 125).

Na Tabela 3 a seguir, são apresentados os resultados referentes ao terceiro fator selecionado pelo programa, o tipo de clítico. Tendo em vista o número de dados contendo o clítico *lbe*, somente três, decidimos analisá-lo junto com o *me*.

TABELA 3
Tipo de clítico

Fatores	Aplic/total	%	Peso relativo
<i>lbe</i>	1/3	33	0.02
<i>se</i>	365/394	93	0.47
<i>me</i>	537/568	94	0.48
<i>te</i>	101/103	99	0.87
Total	1005/1068	94	

Input: 0,97

Significância: 0,000

Observa-se na tabela acima que o tipo de clítico que mais favorece a elevação da vogal /e/ é o clítico pronominal *te*⁵ com um

⁵ Vieira (2011), ao analisar os clíticos pronominais não pronominais, verificou que, exceto em algumas sequências como *de noite*, a elevação da vogal, assim como a palatalização da oclusiva dental na preposição *de*, é praticamente categórica na cidade de Pelotas. Adotando a explicação dada por Bisol para a preservação da vogal de clíticos em expressões como *cor de rosa*, em variedade de fala de Porto Alegre: “essas expressões (...) estariam sendo reanalisadas por falantes dessa comunidade como uma só palavra, valendo o clítico por sílaba pretônica incorporada à palavra, razão pela qual fica invisível à regra de elevação da átona final” (BISOL, 2005, p. 178) .

peso relativo de 0.87 e um percentual de 99%. Os números absolutos mostram que a elevação da vogal é categórica no clítico *te*. Tal resultado se explica em função da presença da oclusiva dental no contexto precedente. Tendo em vista que em Pelotas a regra de palatalização de /t/ e /d/, em diferentes posições na palavra, é extremamente produtiva, ocorrendo essas consoantes em *onset* de sílaba átona, é de se esperar que a regra aplique. No caso do clítico *te*, a vogal sofre elevação, criando o contexto para a palatalização.⁶ Por fim, tendo em vista o reduzido número de dados, somente três, não é possível fazer afirmações a respeito dos resultados relacionados ao clítico *lbe*.

Com pesos relativos muito próximos (0.47 e 0.48, respectivamente), os clíticos *me* e *se* mostraram-se neutros em relação à elevação da vogal. De certa forma, esse resultado derruba uma expectativa inicial, uma vez que em pesquisa em que Vieira (2002) analisa os fatores que favorecem a elevação de /e/ em posição átona final, o contexto precedente com /s/ ou /z/ mostrou-se amplamente favorecedor de sua elevação, com um peso relativo de 0.70. Resultado de acordo com o de Vieira (2002) foi encontrado por Brisolara (2008), em cuja pesquisa, na amostra de Livramento, o único clítico que se mostrou relevante na elevação da vogal foi justamente *se*, indicando que a consoante /s/ ou /z/ em posição de *onset* pode ter um papel na elevação de /e/.

Guzzo (2012), ao analisar conjuntamente clíticos pronominais e não pronominais, percebe que o clítico *se* eleva mais quando for uma conjunção (80,7%) do que quando for um pronome (57,2%), o que indica que a consoante do *onset* não tem

⁶ Uma das características do falar de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, principalmente de regiões da fronteira com o Uruguai e Argentina e regiões de colonização italiana, é justamente a baixa produtividade da regra de palatalização das oclusivas /t/ e /d/. (VIEIRA, 1994; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; VIEIRA, 2002; SILVA, 2009; GUZZO, 2012). Este não é o caso, no entanto, no falar de Pelotas.

papel no comportamento da vogal e sim a função morfossintática desempenhada pelo clítico.⁷

Apesar de o programa Goldvarb não ter selecionado fatores sociais na análise feita, podemos tecer alguns comentários sobre os resultados de elevação encontrados. Em outras regiões do Rio Grande do Sul que receberam imigrantes italianos, ou mesmo em regiões de fronteira com o Uruguai e Argentina, é comum a realização da vogal [e] em posições átonas da palavra, especialmente nas postônicas.⁸ Tal realização decorre da influência do espanhol e do italiano na linguagem dos falantes dessas regiões.

Em diversas regiões de colonização italiana no Rio Grande do Sul, o isolamento inicial das comunidades e o pouco contato com o português fizeram com que a língua italiana fosse o idioma geral nessas localidades. Nos dias atuais, apesar da abertura dessas comunidades a pessoas de diferentes origens, a influência do italiano ainda continua forte, deixando suas marcas no português falado na região.

Situação semelhante é encontrada nas zonas de fronteira em que verificamos a influência mútua entre português e espanhol. Um dos aspectos dessa influência, que se manifesta no português, é justamente a realização da vogal [e] em posições átonas em função de, no espanhol, não ocorrer neutralização entre as vogais /e/ e /i/ nessas posições. Assim palavras acabadas na escrita por *e* serão produzidas na fala como [e].

Na cidade de Pelotas, apesar de ter tido em sua constituição étnica imigrantes uruguaios e italianos, não restaram marcas da influência do espanhol e do italiano sobre o português. É provável que o intenso intercâmbio cultural com cidades do centro do país e

⁷ De acordo com a autora, esses resultados permitem definir o nível da palavra ou da frase fonológica em que ocorrerá a prosodização do clítico. O clítico pronominal é prosodizado, com o hospedeiro, no nível da palavra; e a conjunção forma com a palavra de conteúdo uma frase fonológica (GUZZO, 2012, p. 200).

⁸ Ver Schmitt (1987), Vieira (1994, 2002), Roveda (1998), Carniato (2000), Brisolara & Matzenauer (2006), Brisolara (2008) e Silva (2009).

com cidades da Europa (além do contato com imigrantes vindos de outros países ou mesmo em decorrência da migração interna) tenha levado os pelotenses a usarem uma linguagem sem traços característicos do espanhol ou do italiano. Isso se manifestaria na forma como produzem os clíticos, preferencialmente com a vogal alta [i].

4. Considerações finais

A análise variacionista revela que a elevação da vogal /e/ nos clíticos pronominais é praticamente categórica na amostra de Pelotas. Entre os fatores considerados na análise, mostraram-se relevantes o tipo de junção, o tipo de vogal da sílaba seguinte e o tipo de clítico. O fato de não terem sido selecionados fatores sociais indica que o alicamento da vogal do clítico é uma regra geral na comunidade pelotense, não permitindo que se confirmasse a hipótese inicial de que o uso da vogal [e] poderia ser reflexo de características sociais do falante.

Observa-se que a elevação da vogal do clítico pode estar associada à aplicação de outras regras comuns no português, como a regra de ditongação, a de harmonia vocálica e a de palatalização. Tal associação pode ser inferida, uma vez que foram os contextos propícios à ditongação, à harmonia vocálica e à palatalização aqueles que apresentaram índices mais altos de elevação de /e/. Assim, atendendo às restrições de cada uma das regras, a elevação torna-se praticamente categórica.

É possível, no entanto, que os altos índices (94%) indiquem que a elevação de /e/ ocorra de forma quase independente, restando aos fatores linguísticos e sociais um papel praticamente nulo. Nesse caso, a regra de neutralização, que atinge a vogal do clítico, poderia ser considerada uma regra já implementada no falar de Pelotas, sendo /i/ a vogal subjacente dos clíticos.

As poucas ocorrências de [e] nos clíticos analisados podem ser resultantes de fatores como o estilo de fala (não controlado nesta pesquisa), que poderia propiciar um padrão

rítmico⁹¹⁰ que favorecesse a realização dessa vogal; a ênfase no clítico como forma de ativar um conteúdo pressuposto (p.ex., *A diretora me indicou* [e não a outra pessoa] – Entrev. n. 49); ou, seguindo a explicação de Bisol (2005), como consequência da reanálise do clítico como uma sílaba pretônica de uma palavra de conteúdo, a exemplo do que ocorre com a expressão *de noite*.

Referências

- ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 2, p. 23-44, 1981.
- BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- BISOL, L. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 159-168, 1996.
- BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos de Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 5-30, 2000.
- BISOL, L. A neutralização das átonas. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61 (especial), p. 273-283, 2003.
- BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 141, p. 163-184, 2005.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933 *apud* CÂMARA JR. (1967).

⁹ Abaurre-Gnerre (1981) relaciona processos fonológicos existentes no português a estilos de fala. Segundo a autora, um estilo mais formal, caracterizado por uma velocidade de fala lenta, apresenta um padrão rítmico silábico que inibiria a redução vocálica.

¹⁰ De acordo com Migliorini & Massini-Cagliari (2010), a partir da análise de processos fonológicos como redução vocálica, epêntese, processos de sândi, dentre outros, é possível classificar o português brasileiro como uma língua padrão acentual.

BRISOLARA, L. B. *Os clíticos pronominais no português brasileiro e sua prosodização*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BRISOLARA, L. B.; MATZENAUER, C. L. B. O comportamento da vogal átona /e/ de clíticos pronominais e os processos de sândi. *In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL*, 6, 3-5 novembro 2004, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Celsul, 2006.

CÂMARA JR., J. M. *Princípios de linguística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

CARNIATO, M. C. *A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

CONCEIÇÃO, J. A.; CARVALHO, M. S.; RAMOS, S. M.; VIEIRA, S. G. Espaço e tempo na formação urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul. *In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA*, 12, Montevideo, 3-7 abril 2009. *Anais...* Montevideo, 2009.

GUZZO, N. B. Elevação e apagamento dos clíticos. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 44, p. 185-202, jun. 2012.

MIGLIORINI, L; MASSINI-CAGLIARI, G. Sobre o ritmo do português brasileiro: evidências de um padrão acentual. *ReVEL*, São Leopoldo, v. 8, n. 15, p. 310-328, 2010.

ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SILVA, S. M. *Elevação das vogais médias átonas finais e não-finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SCHMITT, C. J. *Redução vocálica postônica e estrutura prosódica*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

SCHWINDT, L. C. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

VIEIRA, M. J. B. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. *In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VIEIRA, M. J. B. O comportamento variável dos clíticos no português do sul do Brasil. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, VII, Curitiba, 9-12 fevereiro 2011. Anais...* Curitiba: UFPR, 2011.

Recebido para publicação em 23 de agosto de 2012

Aprovado em 5 de novembro de 2012